

Romantismo, esporte e cinema: *Bobby Jones – A lenda do Golfe*¹

Luciana Marins Nogueira Peil *

Hugo Rodolfo Lovisolo **

Resumo: Este texto parte da hipótese de que na representação do esporte os principais pressupostos e categorias do Romantismo configuram suas narrativas dominantes. O Romantismo aportou a linguagem tanto para falar sobre o esporte como para produzir os sentimentos sobre ele. No caso, tomar-se-á a particular narrativa do cinema no filme *Bobby Jones – A lenda do Golfe* para mapear e interpretar os pressupostos e núcleos do pensamento romântico. Na biografia filmada de Bobby Jones, os aspectos básicos do Romantismo, como a noção de Gênio; a angústia da cisão; a valorização do prazer; a busca da unidade; a autenticidade; a organicidade e a valorização da natureza estão presentes, organizando a narrativa. O filme trabalha dentro de uma perspectiva de reencantamento do mundo através de sua mensagem de valorização dos aspectos sensíveis em detrimento dos aspectos utilitários. O esporte, e aqui especialmente o Golfe, mostra-se como o grande fim e meio de nossa integral realização humana, nos moldes conhecidos do Romantismo.

Palavras-chave: Cinema. Romantismo. Esporte. Golfe.

1 O ESPORTE É ROMÂNTICO

Partimos do ponto de vista de que o Romantismo é fator protagonista em nossa relação com o Esporte, posto que valoriza a emoção em detrimento da razão, como afirma Peil (2006).¹ Este texto explora o Cinema e o universo do Golfe, não em uma análise técnica do

Este artigo elabora e complementa considerações que realizamos em outras publicações (PEIL e LOVISOLO, 2006) a partir de um filme estratégico no campo do golfe.

* Professora Doutora da Escola de Educação Física da UFPel, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: lupeil@ufpel.tche.br

** Professor Doutor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: lovisolo@globo.com

¹ Peil, Luciana Marins Nogueira. *Esporte e espírito romântico: o caso do Golfe*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UGF. Rio de Janeiro: 2006.

filme cinematográfico, mas interpretando a história contada na película: *Bobby Jones – A lenda do Golfe*, a partir de pressupostos românticos. O Romantismo é o fio condutor de nosso olhar sobre o filme, o Golfe e o Esporte, na busca de deixar afluir, em verdade, como percebemos o Esporte e o que percebemos no Esporte.² Justifica-se o Cinema por ser uma forma de expressão artística popular de grande impacto e representação social, sobretudo ao longo do século XX. O Golfe é um pretexto e uma provocação, especialmente por ser aparentemente desfavorável a um ponto de vista romântico devido ao aspecto utilitário (relacionamento social e acordos comerciais entre os atletas, por exemplo), que parece estar acentuado neste Esporte.

2 CINEMA, NARRATIVA E INTERPRETAÇÃO

O texto é uma organização de frases que contém um discurso, isto é, o texto é uma sequência de frases que apresenta uma unidade de sentido ao falar de um mesmo objeto. O texto não necessariamente é palavra escrita ou falada, ele pode ser uma sequência de imagens e até mesmo uma sinfonia. O Cinema, ou mais especificamente, a obra cinematográfica chamada de filme, pode ser encarado como uma espécie de discurso que se efetua como evento, como acontecimento e, portanto, é compreendido como significação, ou seja, como interpretação. De fato, grande parte do cinema resulta da tarefa de contar uma história de vida em determinadas circunstâncias ou de produzir um sentido, ou vários, sobre um evento ou um objeto.

Segundo Christian Metz (1980, p. 12), o filme, “enquanto discurso significante (texto)”, é um fenômeno multidimensional que interessa a várias áreas do conhecimento, como a Psicologia Social e a Sociologia, em que o conteúdo dos filmes expõe representações coletivas, estereótipos de diferentes níveis e ideologias, entre outros aspectos. O filme expõe uma “lógica cultural” (METZ, 1980, p. 19). O

² Em uma breve caracterização, pode-se dizer que o Romantismo é uma insatisfação com o mundo contemporâneo, uma inquieta ansiedade em face da vida, uma preferência pelo estranho e curioso, uma inclinação para o sonho e o devaneio, um pendor para o misticismo e uma celebração do irracional. Existe, no Romantismo, uma tendência para o individualismo no sentido de valorização da originalidade. O prazer surge como o *grande princípio elementar da vida*.

filme não é apenas uma amostra do Cinema, mas também uma amostra da cultura e de representações sociais. Em todos os filmes há uma *filosofia*, explícita ou implícita, manifesta ou latente, teorizada ou em estado prático. A hipótese que trabalharemos é a de que nas narrativas cinematográficas sobre o esporte dominam os recursos filosóficos do Romantismo. No caso, apenas tomaremos um filme para indicar os caminhos da interpretação que propomos.

Tanto o Cinema quanto o Esporte são manifestações extremamente significativas em nosso mundo contemporâneo. O Cinema e o Esporte estão entre as linguagens mais difundidas no século XX. Muito mais do que o aspecto do lazer, as relações entre Cinema e Esporte estão fundadas nas representações, nos sentidos e significados da modernidade atual. Ao mesmo tempo, seria difícil falar da modernidade excluindo o Cinema e o Esporte: eles fizeram, e talvez ainda façam, aquilo que rotulamos como modernidade. Podemos dizer que tanto um quanto o outro se apropriou do apelo ao imaginário constante em cada um deles, surgindo daí um casamento feliz que procura satisfazer anseios românticos e tipicamente atuais como, a busca de uma emoção controlada hipótese de (ELIAS; DUNNING, 1992), como confirma Melo em (2003 e 2005), ao estudar memórias do Esporte no Cinema brasileiro.³

3 ROMANTISMO, ARTE E JOGO

O Romantismo sempre procura a síntese, sempre procura a articulação dos contrários, do contrastante. A arte, para os românticos, é a grande integradora capaz de fazer a grande síntese onde todos os planos de manifestação humana estejam fundidos. Para Rosenfeld & Guinsburg (2002), o Cinema, ao explorar suas possibilidades no campo das conjugações das artes, procura em última instância a síntese integral. O Esporte – uma forma de arte bem mais popular (WELSCH, 2001) – também integra todas as nuances do comportamento humano dialeticamente, posto que se desenvolve em antagonismos e

³ A respeito da aproximação entre Cinema e esporte, olhar também: DACOSTA, L. Jogos olímpicos e cidade. In: MELO, V.; PERES, F. (orgs.) **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005.

convergências. A título de ilustração, mencionamos o trabalho de Soares (1994), o qual vê a chamada “malandragem” no Futebol brasileiro como uma forma de arte. O autor compara a transgressão no jogo de Futebol, isto é, a ruptura com as regras formais do Esporte, com a “transgressão poética” (p. 83), na qual o autor da obra (jogada), rompe com códigos estabelecidos usando de extrema criatividade, mantendo-se no jogo formal através de outro jogo. Schiller (1995) já nos falava sobre o jogo entre razão e sensibilidade constitutivo de nossa humanidade que desemboca no impulso lúdico. Continua Schiller afirmando que não errará quem acreditar que, para se apreciar e fazer arte, segue-se a mesma via na qual se joga. Assim, é no jogo que conseguimos a total plenitude humana, pois atingimos o máximo prazer da vivência em conjunto de nossos aspectos sensíveis e de nossos aspectos racionais.

Buytendijk (1977), com apoio em Gadamer, aproxima arte e jogo na autorrepresentação presente em ambos. Quem joga representa e “apresenta” alguma coisa e, portanto, transforma-se. Quem joga, afirma o próprio Gadamer (2004), tem a coragem de arriscar na transformação, sendo isso o grande atrativo do jogo. Buytendijk, então, indica que o modo juvenil de ser daquele que tem coragem de arriscar é tanto condição do jogo quanto da criação artística. Podemos dizer que a obra de arte esportiva é a performance do atleta, tem fim em si mesma e não deixa de ser uma representação exigida pelo próprio jogo. Por fim, Lovisolo (1997), também aproxima Esporte e arte na linguagem do gosto. Esta é comum às duas manifestações. Coloca Lovisolo que o conhecedor de um Esporte passa por estados semelhantes ao apreciador de arte, pois também descreve os lances esportivos na linguagem do gosto, do belo e das emoções. Devemos deixar claro que não entraremos na discussão se o Esporte moderno é jogo, pois parece-nos que se assim não fosse, o Esporte não teria a capacidade de atração que obviamente possui. Da mesma forma, não é nossa intenção aprofundar a discussão a respeito de Esporte e arte, mas enfatizar a presença de uma linguagem que os aproxima, permite que os vejamos no jogo dos espelhos e que influencia poderosamente a conformação dos nossos sentimentos e pensamentos, em outras palavras, usamos a linguagem romântica para expressar-nos sobre a arte e o esporte.

O Cinema presta-se de maneira ideal à expressão dos ideais românticos em virtude do apelo ao imaginário que proporciona. A plasticidade do Esporte, a beleza do Esporte, é explorada e ao mesmo tempo demonstrada e exaltada pelo Cinema. Uma vez que o Cinema é uma linguagem que busca expressar e/ou modificar e/ou consolidar comportamentos, é natural que encontre no Esporte o parceiro perfeito. O espetáculo Esporte e o espetáculo Cinema, por seus poderes atrativos, efetivam uma relação simbiótica, na qual os benefícios são compartilhados.

Löwy e Sayre (1995, p. 249), porém, lembram que existe um paradoxo na presença do Romantismo na produção cultural de massa. O Romantismo é uma perspectiva crítica da modernidade, enquanto a “indústria cultural” – na qual se insere o Cinema – é um fenômeno da modernidade contemporânea que pode colaborar com o processo de manutenção das desigualdades de nossa sociedade mediante a dissimulação dos processos de exploração da mesma, usando o poder de atração da temática romântica em prol de seus interesses. Em uníssono com Campbell (2001), em sua obra “A ética romântica e o espírito do consumismo moderno”, Löwy e Sayre (1995), salientam o poder atrativo do Romantismo através do sonho e da fantasia, destacando que a produção cultural, reconhecendo que não se consegue destruir as aspirações e necessidades, vem apoiar-se no desejo e no imaginário buscando atrair consumidores para suas obras. De qualquer maneira, isto vem reforçar que o subjetivo e a sua carga emotiva são o grande motivador da conduta humana, sendo o Romantismo pedra fundamental da mesma.

Löwy e Sayre (1995), colocam que o Romantismo é uma visão de mundo na qual diferentes temas estão integrados organicamente e a significação do conjunto tende para a recusa da reificação moderna, isto é, tendem para a recusa da manutenção de desigualdades onde certas realidades passam a ser verdade absoluta na sociedade através de manipulação dos seus respectivos efeitos. Este é um critério que para os autores permite distinguir o “pseudo-romântico” (LÖWY; SAYRE, p. 250) do romântico. Löwy e Sayre (1995) destacam, portanto, entre as produções culturais de massa, o Cinema, lembrando que a marca do Romantismo presente em nosso imaginário é ilustrada de maneira impressionante em certos Filmes de grande sucesso que atingem todas as classes e grupos sociais, como, *Guerra nas Estre-*

las e E.T..

Assim, buscamos, através da interpretação de uma obra cinematográfica, explicitar a forte presença romântica quando falamos de esporte.

4 GOLFE E ROMANTISMO: BOBBY JONES – A LENDA DO GOLFE

Sinopse: Robert “Bobby” Tyre Jones Jr. foi talvez o jogador de Golfe mais talentoso da história desse esporte. Lutando contra uma doença debilitante e com um temperamento explosivo, Jones superou uma sucessão de derrotas para alcançar o ponto máximo do esporte tornando-se, aos 28 anos, o único homem da história a vencer o cobiçado Grande Slam de Golfe. Mas foi sua devoção à sua esposa Mary que o levou a fazer a espantosa declaração que chocou o mundo, nesta história real inspiradora sobre um dos maiores ícones do esporte. [...] Sua habilidade fez dele um astro, mas foi sua paixão que o tornou uma lenda. (Bobby Jones: Stroke of genius – 2003)

The Royal and Ancient Golf Club of St. Andrews, Escócia, 1936. Este é o pano de fundo para o início da biografia de Bobby Jones e um marco em sua vida. Lá ocorreu uma transformação. Jones, neste momento, sente-se completamente aceito e integrado àquela comunidade que o recebe como ídolo, afinal de contas, como diz Angus – seu *caddie* britânico e também um dos mediadores entre Jones e a transformação – “[...] o seu jogo é sempre bom aqui!”.⁴ O tranquilo sentimento de pertença ou pertencimento (valor central do Romantismo, juntamente com a autenticidade) que Jones desfruta neste instante, leva-o a dar a primeira tacada neste torneio, quase um ritual de passagem, e ele, então, retorna à sua infância...

Geórgia, sul dos EUA, início do século XX. Bobby é uma criança doentia e superprotegida pela mãe que ao mesmo tempo mostra-se uma grande incentivadora e estimuladora das capacidades do filho, principalmente o conhecimento literário. Bobby recebe da mãe o

⁴ Caddie, o mesmo que carregador de tacos.

apelido de Tiger (tigre), devido a seu ano de nascimento dentro da tradição do horóscopo chinês: “O tigre é corajoso e forte!”. O pai, tipo bonachão, é um advogado que trabalha para uma grande empresa norte-americana de refrigerantes e joga Golfe no campo ao lado de sua casa com parceiros comerciais, mostrando que o aspecto utilitário já fazia parceria com o aspecto prazeroso no comportamento social da época. Bobby frequentemente era levado junto nas caminhadas pelo campo durante o jogo de Golfe, com o intuito de participar do exercício que faria bem à sua saúde. O avô paterno, figura puritana, lamenta esta *paixão* pelo Esporte, que chega a desrespeitar o dia que deve ser dedicado a Deus. A moral puritana do avô questiona até mesmo o fato de seu filho estar saindo-se bem nos negócios por causa de “[...] um jogo!”. O avô espera que Bobby tenha uma carreira brilhante na advocacia. Em meio a todas essas influências, Bobby Jones, desde pequeno, sente-se atraído pelo Golfe e demonstra determinação em aprender o Esporte. O *Tiger* sabe o que quer e entre o misticismo da mãe, o incentivo do pai e a noção de dever da moral puritana imposta pelo avô, Bobby vai forjando sua personalidade, mesclando todos estes aspectos.

Bobby cresce e, adolescente, começa a participar de torneios adultos em que conhece Vardon, vencedor de cinco torneios abertos britânicos que, mais tarde, também dará sua contribuição no caminho de Jones. O. B. Keeler, jornalista esportivo, observa o menino tocar em seu trevo da sorte e bater na bola ao iniciar o jogo: “Que *swing* divino!”. O gesto do *swing* é um dos mais característicos do Golfe. Ninguém possui um *swing* igual ao do outro. Keeler o percebe como divino pela plasticidade, leveza e eficiência do gesto de Bobby. Somente alguém que estivesse completamente integrado com o jogo poderia ter um *swing*, um balanço assim. Alguém que naturalmente estivesse lá e deixasse falar através de si o divino, o absoluto. Mas o temperamental menino com “rosto de anjo e gênio de cão” ainda tinha muito para vivenciar e aprender antes de realmente compreender o que é estar no campo de Golfe e no campo da vida. Para ele, não bastava a admiração do público, ele precisava vencer! Entretanto, a genialidade de Jones começa a ser reconhecida. Ela pode vir da vontade divina ou das influências formadoras, contudo, o gênio está

nascendo no olhar do outro.

Bobby cresce, agora já é um universitário, e passaremos a chamá-lo de Bob Jones. Surge Walter Hagen, um *lord* inglês falido que profissionalizou-se no Golfe. A figura de Hagen faz um contraponto à figura de Jones. Jones nunca se profissionalizou, enquanto Hagen necessitava fazer apostas por fora dos torneios para poder sobreviver. Ele é um dos mediadores no processo de amadurecimento de Bob. Hagen personifica em muito a personalidade boêmia, enquanto Jones caracteriza mais o aspecto puritano. Em que pese a necessidade de ganhar dinheiro, Hagen mantém-se fiel aos princípios do prazer boêmio e, portanto, romântico. Mulheres, bebida, noitadas e o Golfe compõem sua vida. O dinheiro que ganha não é para ser acumulado. Hagen quer desfrutar do melhor da vida e isto pode vir do Golfe, que ama. O que poderia ser melhor? Brooks (2001) lembra que para os boêmios, na condição de figuras que contestam os costumes burgueses, a aristocracia, de onde procedia Hagen, pelo menos tinha aspirado a uma certa grandeza, portanto, não era medíocre. Irônico e egocêntrico, Hagen provoca quando o pressionam pelo horário de começo do jogo: “Gênios merecem paciência!”. Uma das armas mais típicas do Romantismo é a ironia. Através de uma postura de escárnio, o romântico expõe a falta de imaginação daqueles muito afeitos à norma. Segundo Paz (1984), a ironia é a grande invenção do Romantismo, pois ela declara o amor pela contradição que cada um de nós é e a consciência desta contradição. Hagen sabe que é contraditório. Sabe que já viveu e viu muito, sabe de onde vem e onde está, tem a consciência disso, encontrando, na ironia e em uma postura anárquica, sua válvula de escape. A noção de tempo para os românticos diverge totalmente do pensamento utilitário no qual a quantidade é importante. O romântico valoriza bem mais o “dolce far niente”, em que cada coisa tem seu próprio tempo. “Quebrar os relógios!” (ROSENFELD; GUINSBURG, 2002, p. 283) é uma das metáforas fundamentais do Romantismo. O Gênio é diferente do comum dos mortais, ele é especialmente dotado e não se atém as normas, portanto, merece paciência.

A figura do Gênio é emblemática para o Romantismo, pois simboliza

e encerra todos os princípios deste. Jones questiona o *swing* de Hagen: “[...] parece o de um pato!”. Hagen, da mesma forma que Bob Jones, é autêntico e faz seu jogo pessoal e intransferível. Ele não se deixa guiar por modelo algum e para ser original, não precisa da perfeição no sentido clássico. Ele está naturalmente no campo, assim a beleza, da qual os Gênios não abrem mão, transparece no *swing*, não perfeitamente técnico, mas perfeitamente integrado ao todo do jogo. O *swing*, como o traço do pincel, é de cada um e apenas importa que seja autêntico, criativo, próprio e integrado ao artista e no seu tempo.

O jogo transcorre, Hagen vence o jovem Bob. Após o jogo, no buraco 19,⁵ Hagen impressionado com o desempenho e talento do rapaz, pergunta a Jones por que ele joga. Jones responde: “Porque eu adoro e quero vencer!” Hagen, não sem um tom de amargura, faz o contraponto: “Eu jogo pelo dinheiro, porque preciso vencer!”. A consciência da alienação de uma parte de si mesmo, como quem vendeu sua alma ao diabo e pensa ser tarde demais para recuperá-la, é um dos temas do Romantismo. A consciência da cisão é dolorosa. Hagen parece enxergar em Bob aquele seu outro eu anteriormente perdido. É irônico para Hagen, pois contraditório, que ele tenha que jogar por dinheiro. Por isso, então, sua autoironia. Desta forma, é possível viver. Bob, por sua vez, ainda não despertou para as contradições da vida, mas esse momento está chegando.

Bob já conheceu Mary, sua futura esposa. O pai de Mary, inicialmente desconfiado do rapaz que não era católico, empolga-se quando descobre ser o genro o promissor golfista Bob Jones. Note-se que o *gelo* foi quebrado não pela promessa de um bem sucedido advogado, mas pelo já atual desempenho do atleta amador. Não esqueçamos do encanto e da atração que o Esporte exerce em cada um de nós. Com o sogro de Bob, não foi diferente. A coragem de arriscar, própria do Esporte, é um atrativo para quem mantém a alma jovem. Todo o Esporte, jogo é. Gadamer (2004), especula que um dos principais atrativos do jogo está no risco. O risco é sonho, é devaneio de almejar o mais alto, o melhor. Vivenciar o Esporte é uma aventura

⁵ O jogo de Golfe é composto por 18 buracos. É usual a denominação “buraco 19” para o encontro entre os participantes após o jogo, geralmente em um bar.

criativa perante o inesperado. Na coragem de arriscar um lance difícil, existe o risco do fracasso, mas também o do êxito de uma jogada genial que diferencia o *craque* (o Gênio criativo do Esporte) do jogador comum, além de nos fazer vibrar com a beleza plástica demonstrada. É a ousadia de testar limites. A coragem de brincar, ao mesmo tempo em que a eficácia não é esquecida, é o que encanta a maioria de nós. O pai de Mary será seduzido, suas resistências quebradas.

Bob chega à Escócia pela primeira vez (1921). Reencontra Vardon que será seu adversário no primeiro jogo. Ao deparar-se com o velho campo de St. Andrews, Bob reclama do vento forte a Angus, seu *caddie*, perguntando quem fez aquele campo. “Este campo foi feito pelas geleiras a quinze mil anos!”. O Golfe nasceu na Escócia e a paisagem forjada pela ação do clima no relevo escocês deu origem ao campo de St. Andrews. Este todo vivo tem particularidades e exigências próprias, como cada outro campo também possui suas outras próprias exigências. O jogador deve respeitar e entender estas particularidades, pois o jogo de Golfe joga exatamente com a contingência e com nossa capacidade de com elas lidar. Quando se está no campo, um jogo nunca é igual a outro, pois a cada dia condições diferentes se apresentam. Bob, por mais talento que possua, ainda não compreendeu que não se pode dominar o campo, mas sim entender seu desafio e assim conquistá-lo. Bob briga com o campo de St. Andrews, não entra em sintonia com ele. Tenta de maneira insensata lutar contra a banca de areia que não se deixa dominar. Angus, com a serenidade de quem já muito aprendeu, alerta Bob: “Você continua fazendo as mesmas coisas e quer resultados diferentes!”, Bob não entende, sente-se frustrado por aquele campo aparentemente tão hostil e, então, desiste do jogo: “Eu detesto este campo!”. Angus, mais uma vez, procura mostrar o caminho do equilíbrio: “É perdoável perder, não desistir! Nunca será esquecido o dia que Bob Jones desistiu, não por eles (a platéia), mas por você!” Começava ali, em St. Andrews, a necessária transformação. Bob precisava entender que o talento verdadeiro age sempre na harmonia. Na harmonia dos contrários, que vêm a ser a energia que move todo o universo e cada um de nós. Vardon, seu adversário, com grandeza, também procura Bob e dá sua contribuição:

“O velho campo lhe deu uma surra! É a obrigação dele. Já se jogava Golfe aqui quando se pensava que a terra era plana! Espero que um dia você veja que este é um grande campo!”. O campo de Golfe é o real desafiante e não o outro jogador. O campo é quem nos testa. Esta é sua tarefa para que possamos descobrir em nós mesmos que estar no campo não é lutar contra ele, mas ser seu cúmplice. Bob está caminhando para isso.

Seguem-se os torneios e seguem-se as atitudes temperamentais de Bob, que chega a ser suspenso em virtude disso. A doença, dizem alguns, de fundo nervoso, é mais uma pressão em cima do golfista. Os obstáculos se acumulam, contudo, o herói se faz na superação como nos contos românticos, folclóricos e populares. Neste momento crítico, Bob repensa suas atitudes e passa a controlar-se um pouco mais, o que se reflete em seu desempenho no campo, que, aos poucos, torna-se mais harmônico. Em verdade, Bob começa a entender melhor o jogo quando passa a entrar mais em sintonia com ele mesmo. Ao mesmo tempo, outro conflito toma relevância. Bob sente-se dividido entre o prazer do jogo – onde para ele está incluída a necessidade da vitória – e o que ele pensa ser o dever a cumprir com a família e a sociedade. A influência da tradição de pensamento puritano, herdada do avô, é muito grande em Bob. Ele almejava as vitórias, mas culpava-se por ocupar-se tanto com um jogo muito mais calcado na emoção do que na razão. Afinal de contas, ele nem recebia dinheiro por jogar Golfe, algo que seria perfeitamente aceitável pelos puritanos, posto que o prazer do jogo estaria, então, respaldado pela razão. O avô, implacável: “O ócio é o pai de todos os vícios!” Neste entremeio, O.B. Keeler, o jornalista que acompanha Bob sendo seu fiel amigo, tenta mediar os conflitos de Bob: “Você tem que se convencer que é o maior jogador do mundo!” Para tanto, Bob necessita de uma libertação que vem através do próprio avô. Este puritano de emoções contidas e forte senso de dever, por amor, baixa suas barreiras e envia um telegrama ao neto em momento crucial: “Mantenha a bola no *fair-way* (no caminho) e dentro do buraco!”, Bob, então, vence seu primeiro grande torneio.

Os confrontos entre Bob e Hagen continuam. Em um desses confrontos, Bob perde por uma tacada para Hagen, em um lance

memorável de *fair-play*. A arbitragem no Golfe é muito mais para orientar do que para punir ou disciplinar. Bob está estudando como dar a próxima tacada, quando chama os árbitros e anuncia que mexeu levemente na bola. Devemos observar que na regra do Golfe, esse pequeno toque conta como uma tacada. Em uma reunião em volta do lance, tanto a arbitragem quanto Hagen e até mesmo a assistência, afirmam que não viram a bola se mexer, mas Bob insiste em sua afirmação. Diante da surpresa de todos, conclui: “É só assim que sei jogar!” O. B. Keeler lança a frase emblemática: “Há coisas mais importantes do que vencer um campeonato!” Bob queria vencer, ele ambicionava isso, mas não a qualquer preço.

Bob retorna a St. Andrews, agora mais preparado para o jogo, mais conhecedor de si mesmo e, assim, mais receptivo aos apelos daquele campo: “Este campo é muito bonito! Não sei porque não notei isto antes!” Diz para Angus, que responde: “Sim. Um verdadeiro teste!” Agora, em 1936, quando iniciou nossa narrativa, dá-se a grande transformação de Bob. Ele passa a sentir o campo como parte dele mesmo e ele como parte do campo. Tudo é mais fácil. Bob admite a força do campo e entende que pertence a ele. Ele não precisa mais tentar dominar o campo, pois, no momento em que entrou em sintonia com o mesmo, o campo tornou-se um parceiro e permitiu que Bob vencesse. O grande prêmio de Bob Jones naquele instante foi a conquista da serenidade de quem se percebe como parte do todo. Agora Bob pode partir para as derradeiras conquistas no Golfe que permitirão conquistas em outras facetas de sua vida.

Mas nem todos os conflitos estão solucionados, até porque a vida se dá em cima deles. É através das ambiguidades, das contradições e da busca de uma síntese que nos satisfaça que vivemos. Bob sente-se preso aos torneios de Golfe. Ele gostaria de atender aos apelos de Mary não para que ele pare de competir e cuide mais de sua saúde e, é claro, dê mais atenção a ela mesma e à família. Mas Bob sente que tem uma missão a cumprir no Golfe. A trajetória de Bob é, antes de ser a de um herói, a trajetória de um predestinado, de um escolhido. Ele se sente um agraciado que deve demonstrar esta graça recebida por Deus nos campos de Golfe. Bob quer ser o primeiro atleta a vencer os quatro grandes Slam do Golfe mun-

dial. Desta forma, a missão estará cumprida.

O predestinado Bob Jones é um Gênio do esporte. O Gênio é uma espécie de enviado, de messias, que aí está para mostrar à humanidade onde é possível chegar. O Gênio é um incompreendido e, portanto, um solitário. Bob na realidade é sozinho em sua percepção do que deve e precisa fazer. Nem mesmo sua esposa o entende completamente. Bob precisa se esforçar muito para que entendam sua maneira de ser. Ele desabafa: “Tudo o que eu sempre quis foi ser uma pessoa normal!” Justamente isso é o que nunca acontecerá ao Gênio. Ele veio para fazer a diferença e não para ser mais um. Bob gostaria de estar na norma. Talvez não se angustiasse tanto. Mas para que o Gênio possa cumprir sua tarefa de demonstrar a organicidade do universo através de seu desempenho único, ironicamente, ele se vê cindido e sofre. Mas o Gênio não é só angústia. Quando ele deixa fluir a intuição, a síntese se faz e o redime perante tudo. É quando o escolhido pode mostrar que o equilíbrio, no sentido de harmonia entre os contrários, é possível. Neste momento, o Gênio e todos nós usufruímos um imenso prazer que compensa todas as desditas e os esencontros: em mais um jogo contra Hagen, Bob vê-se em maus lençóis em uma banca de areia – um dos grandes desafios do Golfe. Estuda a jogada, pensa, concentra-se e dá a tacada. Brillantemente a bola sai do *bunker* (banca de areia) e é embocada diretamente. O golpe de Gênio (*stroke of genius*) é a síntese e a redenção!

Rycbzyński (2000), sustenta que a palavra profissional costumava ser usada para uma pessoa que era paga para fazer determinada atividade, ao contrário do amador. Hoje, *profissional* tem cada vez mais uma conotação de alguém com um alto grau de eficiência. Por outro lado, continua este autor, o amador, uma palavra que significa literalmente aquele que ama, foi rebaixado para um simples iniciante, ou alguém com alguma prática. Não há, geralmente, mais o sentido de um elogio.

O Golfe é um dos poucos Esportes que atualmente traz em seu livro de regras o Estatuto do Amador. Este estatuto tem por objetivo regular a condição do jogador amador, definindo-o genericamente

⁶ Confederação Brasileira de Golfe – The Royal and Ancient Golf Club of St. Andrews. *Regras de Golfe*. 1997.

como “...aquele que joga Golfe como desporto não remunerado e não lucrativo.”⁶ Sem entrarmos nos pormenores deste estatuto, podemos verificar a importância de que se reveste a questão do amadorismo e do profissionalismo para os membros deste Esporte. Na época em que se passa esta película sobre a vida do atleta Bob Jones, as tensões no embate profissionalismo/amadorismo estavam mais polarizadas do que hoje em dia. Existia um preconceito maior em relação ao atleta que se profissionalizava. Em uma passagem do filme, Hagen é impedido de usar as dependências de um clube de Golfe na Inglaterra, por ser um jogador profissional. Hagen, provocador como sempre, argumenta, então, que deixará seus dois carros em frente ao clube, pois um deles é seu guarda-roupa e o outro seu quarto de dormir! Mais uma vez, o boêmio Hagen utiliza a ironia como forma de defesa.

Em outro momento, Bob é procurado após um jogo por um homem que propõe a profissionalização de Bob com a promessa de que ele ganharia muito dinheiro. A reação de Bob foi forte: “Ser amador é amar o jogo! Amador vem do latim amar. Se você joga por dinheiro, não pode mais chamar de amor!” O homem, inconformado com a “falta de visão” de Bob, o provoca mais uma vez na frente de O. B. Keeler, que reage: “Bob é um verdadeiro amador e um cavalheiro! Nunca existirá outro como ele! O dinheiro vai arruinar o esporte!” Bob Jones tinha realmente uma visão bastante romântica do Esporte, posto que baseada no gosto pela prática. A paixão o guiava. O que mantinha Bob nas competições de Golfe era sua paixão por jogar e sua paixão por vencer, não pelo dinheiro, mas para provar, pelo menos a si próprio, que ele poderia superar os outros jogadores e a si mesmo. Em que pese a tradição puritana e, portanto, ascética, da qual Bob teve muita influência, ele era um romântico, devido à sua paixão pelo jogo e um romântico devido à sua atuação no campo, que delatava cada vez mais, com a chegada da maturidade, seu elo inato com o todo do Golfe. Devemos citar Campbell (2001) e Brooks (2001), quando afirmam que o Ser Humano da modernidade é uma espécie de híbrido entre puritanos e românticos,

⁷ A Boemia é o movimento mais óbvio e bem definido do ideal romântico e tenta tornar a vida ajustada ao princípio de valorização do prazer acima da utilidade.

entre burgueses e boêmios.⁷ Estes traços de personalidade são valorizados por cada um, de acordo com critérios individuais. Campbell (2001), especialmente valoriza o Romantismo como a grande base deste comportamento. Portanto, Bob Jones, na primeira metade do século XX, em sua idiossincrasia, já encarnava as tensões tão atuais agora no começo do século XXI. Quanto à afirmação de O. B. Keeler de que o dinheiro iria arruinar o Esporte, podemos dizer que este parte de um ponto de vista romântico por julgar que o Esporte, para ser Esporte, não poderia se deixar corromper pelo dinheiro, como se houvesse um Esporte *puro* por natureza ao qual devêssemos nos manter fiéis ou a ele retornar.⁸ Claro que se pode dizer que o Esporte Golfe, tanto para Bob quanto para O.B. Keeler, tinha uma conotação sagrada que a interferência do dinheiro profanaria. Sempre podemos lembrar Huizinga (1971) e seu *Homo Ludens* – obra seminal sobre o jogo – quando fica expresso por este autor que o jogo deixaria de ser jogo quando sujeito ao dinheiro. Lovisolo (1999), faz uma crítica a este tipo de pensamento – ainda bastante atual – propondo que existe um complexo de relações sociais que fundamenta o jogo e que, portanto, não se pode afirmar tão peremptoriamente que a profissionalização descaracterize o aspecto lúdico no Esporte. Conclui Lovisolo dizendo que os desencantamentos formam parte da modernidade tanto quanto seus encantamentos. Assim, mais uma vez, a contradição romântica faz-se presente.

Bob continua sua trajetória. É chegado o momento do último grande Slam de Golfe. Bob, antes de dar a primeira tacada, repassa sua meninice, toca sua medalha da sorte e então vence o quarto grande Slam. Ele é o único atleta que até hoje conseguiu essa façanha. Avô, pai e filho reconciliam-se em um mesmo abraço. Mais uma vez, O. B. Keeler conclui: “Há coisas mais importantes que ganhar um campeonato!” Bob, neste momento, sente-se como no término de uma prova na qual teve aproveitamento máximo. Ele concluiu seu ritual de passagem que o leva em busca de outros objetivos. O. B. Keeler, em momento já de tranquilidade, coloca a Bob que das manchetes sobre sua última vitória e sobre o abandono da

⁸ Devemos lembrar que existem vários indícios de que, desde os antigos Jogos Olímpicos, na Grécia, os atletas recebiam algum tipo de pagamento.

carreira de atleta, o que mais gostou foram os comentários de outro jornalista que elogia a trajetória de Bob: “Quando o grande juiz anota os seus pontos junto ao seu nome, ele não anota se você ganhou ou perdeu, mas como você jogou!” Novamente fica claro que o gosto pelo Esporte, pelo menos para Bob Jones, estava calcado primeiramente no processo e depois no resultado. Provavelmente, esse consequência daquele. Bob nunca escamoteou que almejava a vitória, mas deu provas durante sua vida de atleta do quanto era importante para ele ater-se a certos princípios éticos denunciados por suas virtudes morais. Continua O. B. Keeler:

Você ganhou todos os torneios por seu pai, por mim e por Atlanta. Deixou de jogar Golfe, competitivamente, por Mary. Tirou dois diplomas por sua mãe. Formou-se em Direito por seu avô. O que você vai fazer por si mesmo?

Bob sorri enigmático, para o carro que está dirigindo, em companhia do amigo, e mostra um lindo campo ao jornalista: “Vou construir um campo de Golfe. Ele se chamará Augusta Nacional em homenagem a St. Andrews!” Bob Jones, o atleta que encarnou um herói para sua cidade e seu país; o filho, o neto, o esposo e o amigo dedicado iria agora tranquilamente usufruir o campo, seu próprio campo...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem fazermos uma análise técnica do filme cinematográfico em questão, procuramos interpretar a história contada buscando evidenciar o aspecto romântico presente. Acreditamos, que no expressar desta versão cinematográfica, encontra-se uma visão de mundo e especialmente de Esporte. Da mesma forma, nossa interpretação também denuncia um ponto de vista.

O *jogo limpo*, a superação, a tensão entre profissionalismo e amadorismo, aspectos presentes no esporte, evidenciam-se na narrativa apaixonada que estimula a imaginação. Nesta biografia, características básicas do Romantismo, como a noção de Gênio; a angústia da cisão; a valorização do prazer; a busca da unidade; a autenticidade;

a organicidade e a valorização da natureza se fazem notar tecendo as relações no todo da prática esportiva. Assim, podemos dizer que este filme trabalha dentro de uma perspectiva de reencantamento do mundo através de sua mensagem de valorização dos aspectos sensíveis em detrimento dos aspectos utilitários, o que, de certa forma, pode ser tomado como uma crítica à sociedade por hora estabelecida. O Esporte, e aqui especialmente o Golfe, com toda sua complexidade de valores, mostra-se como o grande fim e meio de nossa realização humana como a entendemos, fundamentalmente, a partir do Romantismo.

Romanticism, sport and cinema: *Bobby Jones – a stroke of genius*

Abstract : This text is based on the hypothesis that in the representation of sport the main assumptions and categories of Romanticism form its dominant narratives. The Romanticism used the language not only to talk about sport but also to generate feelings about it. In this case, we will take this particular narrative of the movie “Bobby Jones – Stroke of Genius” in order to locate and interpretate the assumptions and cores of the romantic conception. In Bobby Jones’s filmed biography the basic aspects of Romanticism such as the notion of the Genius; the anguish of the division; the importance given to pleasure; the search for unity; the authenticity and the high value put on nature as well as its organic aspect are presented organizing the narrative. The movie develops its ideas from the perspective of enchanting the world again by setting a higher value on aspects of sensibility rather than on utilitarian ones. Sport, Golf especially in this case, presents itself as the greatest means as well as the greatest end of our whole realization as human beings, in patterns that are familiar to Romanticism.

Keywords: Cinema. Romanticism. Sport. Golf.

Romanticismo, deporte y cinema: *Bobby Jones – La Leyenda del Golf*

Resumen: Este texto parte de la hipótesis de que en la representación del deporte los principales supuestos y categorías del romanticismo configuran sus narrativas dominantes. El Romanticismo aportó el lenguaje tanto para hablar sobre el deporte como para producir los sentimientos sobre él. En este caso, se empleará la particular narrativa del cinema en la película “Bobby Jones - La leyenda del Golf”, para planear e interpretar los supuestos y núcleos del pensamiento romántico. En la biografía en forma de película de Bobby Jones, los aspectos básicos del Romanticismo, como la noción de Genio; la angustia de la cisión; la valoración del placer; la búsqueda por la unidad; la autenticidad; la organicidad y la valoración de la naturaleza, están presentes ordenando la narrativa. La película trabaja en el marco de una perspectiva de reencantamiento del mundo a través de su mensaje de valoración de los aspectos sensibles en detrimento de los aspectos utilitarios. El deporte, y aquí especialmente el Golf, mostrase como el gran fin y medio de nuestra integral realización humana, bajo los marcos conocidos del Romanticismo.

Palabras clave: Cinema. Romanticismo. Deporte. Golf.

REFERÊNCIAS

BOBBY JONES: A Lenda do Golfe. [Bobby Jones: Stroke of Genius]. [Florida]: Sony Pictures, 2004. Drama. 128 min., color.

BROOKS ,D. **Bobos en el paraíso. Ni hippies ni yuppies**: un retrato de la nueva classe triunfadora. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 2001.

BUYTENDIJK, J. O jogo humano. *In*: GADAMER; VOGLER **Nova antropologia**. São Paulo: EDUSP, n. 4, p. 63-87, 1977.

CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Disfel, 1992.

GADAMER, H. G. **Verdade e método I** : Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Ed. Universitária S. Francisco, 2004.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: 1971.

LOVISOLO, H. **Estética, esporte e educação física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

_____. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. *In*: **Logos: Comunicação e Universidade**. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, n. 10, 1999.

LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.

MELO, V. Memórias do esporte no cinema: Sua presença em longa-metragens brasileiros. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 173 - 188, 2003.

_____. Esporte e cinema: Diálogos – As primeiras imagens brasileiras. **Revista brasileira de ciências do esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 21 - 37, jan. 2005.

METZ, C. **Linguagem e cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

PAZ, O. **Os filhos do barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEIL, Luciana Marins Nogueira; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Esporte e espírito romântico: o caso do golfe**. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO EM CIENCIAS DO ESPORTE ,2007. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/124.pdf>

PEIL Luciana Marins Nogueira, LOVISOLO , Hugo Rodolfo. Cinema, Golf and Romanticism. **Esporte e Sociedade**, v. 2, n. 4, Nov2006/Fev2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>

ROSENFELD, A.; GUINSBURG, J. Um encerramento. *In*: GUINSBURG, J. (Org.). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

RYBCZYNSKI, W. **Esperando o fim de semana**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SOARES, A. J. G. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDC/UFES, 1994.

WELSCH, W. Esporte-Visto esteticamente e mesmo como arte? *In*: ROSENFELD, D. (Org.) **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Recebido em: 13.09.2009

Aprovado em: 27.03. 2010